

Vol 2. n. 1. 2021



**REVISTA
ZABELÊ**
DISCENTES PPGANT- UFPI

DOSSIÊ ANTROPOLOGIA NORTE E NORDESTE

Org. Abimael Carneiro- Cristhyan Silva- Deanny Lemos-
Jennifer Pereira- Lorrana Lima

Revista Zabelê
Discentes PPGANT - UFPI
Programa de Pós-Graduação em
Antropologia da Universidade Federal do Piauí
Campus Universitário Ministro Petrônio Portela, Bairro Ininga,
Teresina, Piauí,
CEP 64049-550 - Tel.: (86) 3237-2152

Reitor

Prof. Dr. Gildásio Guedes Fernandes

Vice-Reitor

Prof. Dr. Viriato Campelo

Conselho Editorial

Abimael Gonçalves Carneiro
Cristhyan Kaline Soares da Silva
Jennifer Maria Gonçalves Pereira
Marcos Paulo Magalhães de Figueiredo
Tamires Eidelwein

Editores Chefes

Danilo Barbosa Neves
Deanny Stacy Sousa Lemos
Lorrana Santos Lima

Organização

Abimael Gonçalves Carneiro
Cristhyan Kaline Soare da Silva
Deanny Stacy Sousa Lemos
Jennifer Maria Gonçalves Pereira
Lorrana Santos Lima

Revisão

Os autores

Diagramação

Deanny Stacy Sousa Lemos

Foto da Capa

Kadu Xukuro
Índigena Xukuro, estudante de história,
artista visual e produtor cultural
pernambucano.





SUMÁRIO

DOSSIÊ

Apresentação

Abimael Gonçalves Carneiro/Cristhyan Kaline Soares da Silva/ Deanny Stacy Sousa Lemos Jennifer Maria Gonçalves Pereira/ Lorrana Santos Lima.....5

Circulação de intelectuais na Paris N'América: Os legados de Charles Wagley na Amazônia

Milton Ribeiro/Aldair Freire.....13

Experiências de medo e segurança entre os jovens da cidade de Manaus

Victoria Katarina Cardoso Lima.....33

Para além das prisões: PCC e(m) lócus faccionado

Elton Guilherme dos Santos Silva/Marcondes Brito da Costa.....48

O toré Kariri-Xocó na aldeia e na cidade: produção e comunicação indígenas em contextos específicos

Manuela Machado Ribeiro Venancio.....64

As identidades negras no discurso curricular da universidade

Jardson Barrinha dos Santos/Emanuel Calebe Araújo Silva.....80



SUMÁRIO

Sem lenço, sem documento, sem liberdade: prisões preventivas pela ausência de identificação civil e os discursos judiciais de sua validação

Paulo Victor Leôncio Chaves.....94

Um arranca-rabo no Brejal dos Guajás: família, vingança e sacrifício entre a antropologia e literatura

Marcos Nogueira Milner.....108

Tráfico internacional de mulheres nas fronteiras Franco-Amapaenses

Ruane Cláudia Queiroz Silva.....123

ARTIGO

Estar em campo: notas etnográficas para um artesanato pandêmico

Mariana Amalia de Carvalho Castro e Silva.....138

ENTREVISTA

Rios de r-existências: diálogos de uma marginalização institucional em contexto de abrigo

Deanny Stacy Sousa Lemos/Lilian Gabriella Castelo
Branco Alves de Sousa.....153

Apresentação

Dossiê Antropologia Norte e Nordeste

Abimael Gonçalves Carneiro¹

abimael.94.alves@gmail.com

Cristhyan Kaline Soares da Silva²

cristhyankaline16@gmail.com

Deanny Stacy Sousa Lemos³

deannystacy@gmail.com

Jennifer Maria Gonçalves Pereira⁴

jennifermaria024@gmail.com

Lorrana Santos Lima⁵

lorrana.lima66@gmail.com

Publicamos, pois, a segunda edição da Revista Zabelê: Revista de Discentes do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPI. Apresentar o processo em que a mesma foi concebida se assemelha ao que a própria Antropologia faz, um espiral de si mesma, sendo uma antropologia que compara outras antropologias.

Foi a partir dessa comparação que estabelecemos que as antropologias realizadas no

1 Graduado em Ciências Sociais (Licenciatura) pela Universidade Federal do Piauí - UFPI e aluno do Programa de Pós-Graduação em Antropologia - PPGANT desta mesma Instituição de Ensino. Desenvolve pesquisa na área da Antropologia da Educação, com ênfase em Políticas Públicas, Relações Étnico-Raciais na educação e cultura Afro-brasileira.

2 Graduada em Ciências Sociais (Bacharelado) pela Universidade Federal do Piauí. Mestranda em Antropologia pela Universidade Federal do Piauí. Desenvolve pesquisa com os indígenas Gamelas no Piauí e possui interesse pela áreas de povos e comunidades tradicionais.

3 Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Piauí- UFPI, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia-PPGANT desta mesma Instituição de Ensino. Desenvolve pesquisa na área da etnologia indígenas e tem interesse pela área de povos e comunidades tradicionais, natureza-cultura.e conflitos socioambientais.

4 Graduada em Ciências Sociais (Bacharelado) pela Universidade Federal do Piauí. Mestranda em Antropologia pela Universidade Federal do Piauí. Desenvolve pesquisas com ênfase nas relações humanos e não humanos no Antropoceno e possui interesse nos assuntos que diz respeito à agricultura familiar, os impactos socioambientais dos mega empreendimentos e as organizações sociais campesina.

5 Graduada em Ciências Sociais (Bacharelado) pela Universidade Federal do Piauí. Mestranda em Antropologia pela Universidade Federal do Piauí. Desenvolve pesquisa com agrupamentos políticos antirracistas em Teresina (PI) e possui interesse pelos processos de racialização e desracialização.

norte e no nordeste representavam aquilo que se convencionou chamar de epistemologias do sul ou descolonização epistemológica que se balizam, entre outras coisas, no descentramento da produção, bem como na suspensão da exotização de indígenas do norte e dos caipiras do nordeste.

A temática do presente dossiê foi pensada na mesma reunião em que a 12^o turma do PPGANT-UFPI ingressou no time de editoração da revista, em que acordamos ser a Antropologia fruto do encontro colonial e que pode (e deve) ser superado ao serem pluralizadas as interlocuções, abarcando aquelas que ficam à margem do sistema acadêmico; assim como podem ser diversificadas os modos como se percebem sujeitos nortistas e nordestinos.

Para tanto, não deixamos, o time de editoração, de nos localizar enquanto possíveis reprodutores dessa lógica e fomentadores de uma necessária superação. Tendo em vista que, enquanto mestrandos e mestrandas da Antropologia e egressos das Ciências Sociais, somos nós também quem produzimos uma antropologia do nordeste, nós que o percebemos e complexificamos a partir da sensibilidade etnográfica que a antropologia oferece.

Em “A antropologia como ciência social no Brasil”, Mariza Peirano, enfatiza que no Brasil é tendência os antropólogos desenvolverem suas pesquisas no próprio país. Assim, “antropólogos brasileiros não andam à procura do exótico” (PEIRANO, 2000, p. 224)⁶. Quando a questão é a busca pela alteridade, continua a autora, são as diferenças que roubam a cena. Nesse sentido, a diversidade de temas alvo de nossas investigações se encaixam nas categorias de “alteridade próxima” ou mesmo “alteridade em casa” (PEIRANO, 2000)⁷. Pontuamos, que a antropologia produzida no Norte e Nordeste tem muito a somar ao campo mais amplo da “Antropologia no/do Brasil”.

O Dossiê Antropologia Norte e Nordeste é, desse modo, crítico à lógica colonial que deu luz ao nosso campo de saber antropológico e também movimento contra-colonizador que

⁶ PEIRANO, Mariza. A antropologia como ciência social no Brasil. *Etnográfica*, n. 2, v. 4, 2000, p. 219-232.

⁷ PEIRANO, Mariza. A antropologia como ciência social no Brasil. *Etnográfica*, n. 2, v. 4, 2000, p. 219-232.

destaca as agências possíveis dos sujeitos que são mais que colonizados, atingidos, são contra-colonizadores, guerreiros e guerreiras que resistem.

Assim, é possível encontrar nos artigos o reconhecimento da colonização nos processos de identificação e da conversão desse mesmo instrumento de identificação como estratégia política de diferenciação. Os escritos são, pois, potências criativas que descortinam várias faces de empreendimentos etnográficos na região norte e nordeste.

Destacamos ainda, que se trata de uma proposta interdisciplinar, na qual autores/as com formações (graduação e/ou pós-graduação) em áreas afins a antropologia, como sociologia, educação, história e Relações Internacionais, se comprometem com diálogos que ajudam a alimentar os debates atuais, e os já consolidados na ciência antropológica, iluminando questões temáticas e pondo em relevo reflexões teóricas-metodológicas.

Não podemos esquecer que estamos vivendo uma pandemia, a do novo Coronavírus, que provoca a doença Covid-19. Diante da situação pandêmica, somos submetidos a novas configurações. Em várias partes do mundo para tentar diminuir os riscos de contaminação pelo vírus, protocolos de saúde foram criados, indicando, entre outras coisas, o isolamento social, distanciamentos. Com vários locais fechados, totalmente ou parcialmente, e muitos destes sendo lócus de pesquisas (em andamento e das que ainda se encontram limitadas aos projetos), surgem as angústias diante das dificuldades de se realizar trabalho de campo, um empreendimento que é marca registrada da antropologia.

Daniel Miller (2020)⁸, antropólogo que é referência no campo da antropologia digital, leva-nos a refletir sobre as possibilidades de desenvolver pesquisa no universo virtual. Nos fala de engajamentos on-line e relembra um ponto importante sobre metodologia na antropologia:

8 MILLER, Daniel. Como conduzir uma etnografia durante o isolamento social. Blog do Sociofilo, 2020. [publicado em 23 de maio de 2020]. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2020/05/23/notas-sobre-a-pandemia-como-conduzir-uma-etnografia-durante-o-isolamento-social-por-daniel-miller/>. Acesso em: 25 jul. 2021.

que o método é desenvolvido no curso da pesquisa, não tem como seguir uma receita pronta, fechada. Somos, então, desafiados/as. Isso nos faz lembrar uma passagem clássica de Edward Evans-Pritchard, em “Bruxaria, oráculos e magia entre os azande”, quando reflete sobre uma pergunta que constantemente chegava até ele: Como fazer trabalho de campo? Destacando que “muito depende do pesquisador, da sociedade que ele estuda e das condições que têm de fazê-lo” (EVANS-PRITCHARD, 2005, 243)⁹.

Que condições a pandemia nos impõe? Quais as possibilidades para desenvolvermos nossas pesquisas, para estabelecermos, enquanto antropólogos/as, uma conversa sobre a vida humana (INGOLD, 2017)¹⁰. Perguntas que ficam para pensarmos. Mas aqui, temos a oportunidade de apreciar uma discussão, por exemplo, que nos informa sobre a experiência de utilizar as tecnologias digitais como recurso na continuação da pesquisa. Discussão necessária para o momento.

Na composição **“Circulação de Intelectuais na Paris N’América: os legados de Charles Wagley na Amazônia”** os autores Milton Ribeiro e Aldair Freire demonstram-nos, por meio do exercício etnográfico e memorialístico, a presença de intelectuais na Amazônia no século XX. Pontuando a presença destes na cidade de Belém do Pará com o objetivo de compreender as motivações que levavam esses intelectuais a terem a capital paraense como um ponto de partida para suas incursões e investigações. Nos apresenta a importância da chegada do antropólogo americano Charles Wagley onde este foi o primeiro brasileiro a explorar os rios paraenses. Assinalando-nos a importância de reconhecer os passos de cientistas, acadêmicos e artistas pela/na Amazônia e, assim, podemos compreender através dessas andanças como as imagens e memórias sobre esse território são difundidos por esses viajante estrangeiros e articulados com as práticas, os conhecimentos e os saberes locais.

9 EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

10 INGOLD, Tim. *Antropologia versus etnografia*. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 26, v. 1, 2017, p. 222-228.

O texto **“Experiências de medo e segurança entre jovens na cidade de Manaus”**, de Victoria Catarina Cardoso Lima, relata o andamento de sua pesquisa etnográfica que teve início em uma escola da rede estadual da cidade de Manaus e que devido a situação de pandemia teve sua continuação por meio de espaços virtuais. Com isso, reflete sobre alguns pontos sobre o fazer pesquisa durante a pandemia e as interações possíveis com os/as interlocutores/as por meio de ferramentas digitais. Além disso, somos levados a pensar em outras questões que são apontadas pelos/as jovens interlocutores/as, como as implicações de marcadores sociais da diferença no processo de evasão escolar, as discriminações e violências de gênero e sexualidade que são experienciadas no ambiente escolar.

Por sua vez, no artigo **“Para além das prisões: PCC e(m) lócus faccionado”**, Marcondes Brito da Costa e Elton Guilherme dos Santos Silva partem, substancialmente, de etnografias urbana de Karina Biondi e da ideia de movimento para aperceber como o Primeiro Comando da Capital, enquanto tal, também se (re)produz nas periferias da capital piauiense. Para tanto, remontam desde as possíveis narrativas de origem da organização, perpassando por sua expansão internacional e, traçando, como a estrutura de motivação econômica e as bases morais - pilares dessa agência reguladora do crime - eram tidas como parâmetro de conduta pelo movimento de/em Teresina. Assim, fazem-nos acompanhar o trajeto desse movimento que extrapola os limites carcerários alcançando as sociabilidades cotidianas de sujeitos mesmo que não-brasileiros e não partícipes intencionais.

“O Toré Kariri-Xocó na aldeia e na cidade: produção e comunicação indígenas em contextos específicos” é onde Manuela Machado Machado Ribeiro Venancio se dedica, a partir de dados produzidos em campo para sua pesquisa doutoral (2016 e 2017), a analisar as relações sociais entre os indígenas Kariri-Xocó e destes com os não-indígenas (*cabeça seca*) no contexto da aldeia e de cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Sua etnografia ressalta o Toré como importante instrumento de identificação e, portanto, diferenciação étnica - especificamente de indígenas do nordeste -, seja o mesmo produzido e comunicado em espaços

urbanos de apresentação do mesmo como em processos de retomada de terra dos referidos povos indígenas.

Em “**As identidades negras no discurso curricular da universidade**”, os autores, Jardson Barrinha dos Santos e Emanuel Calebe Araújo Silva, refletem, a partir de uma perspectiva decolonial, sobre os “impactos da colonização do poder-ser-saber na construção de identidades negras”. Para tanto, apresentam fragmentos de um estudo realizado na Universidade Estadual do Piauí (UESPI), com alunos/as dos cursos de ciências sociais, história e letras-português, para saber a respeito das disciplinas ofertadas nesses cursos e como estas afetam a construção de suas identidades. Assim, discutindo sobre educação e currículo, somos instigados a pensar em possibilidades outras de educação, como a decolonial e a intercultural

Paulo Victor Leôncio Chaves, em seu escrito “**Sem lenço, sem documento, sem liberdade: prisões preventivas pela ausência de identificação civil e os discursos judiciais de sua validação**” debruçou-se em descrever sobre as decisões judiciais em que se decreta prisões preventivas nas audiências de custódia realizadas em Teresina – PI. Em um trabalho denso de anos de pesquisa, o autor sublinha como se dão as análises das decisões que partem como fundamento para a prisão a ausência de documentos de identificação pelas pessoas aprisionadas e partir disso se aprofunda em compreender como os discursos em torno dos documentos públicos de identificação civil e seu uso para validar as prisões provisórias são produzidos. Suas análises ressaltam as fragilidades do sistema de encarceramento e abre caminhos para reflexões, por meio de uma antropologia política, acerca das estruturas de poder e os impactos dessas execuções na vida real dos indivíduos.

O escrito “**Um arranca-rabo no brejal dos guajás: família, vingança e sacrifício entre a antropologia e a literatura**” de Marcos Nogueira Milner traz uma reflexão antropológica sobre o conto “Brejal dos Guajás” de José Sarney. Partindo do conteúdo descritivo da narrativa literária o autor empreende comparações entre o conto e outras descrições da realidade social do nordeste brasileiro. O rendimento etnográfico vem pois, do conto e do contexto em

que se passa os acontecimentos do mesmo no nordeste brasileiro, Em suma o artigo apresenta as categorias antropológicas de honra, família sacrifício, ritual e prestígio chamando atenção para as possibilidades de intersecção entre antropologia e literatura.

Ruane Cláudia Queiroz Silva, em seu artigo “**Tráfico internacional de mulheres nas fronteiras franco-amapaenses**”, informa-nos sobre a dinâmica do tráfico de mulheres no estado do Amapá – uma área de trânsito, na qual os principais destinos das vítimas são a Guiana Francesa e o Suriname. Refletindo com uma perspectiva feminista das Relações Internacionais, a autora aponta aspectos do tráfico de pessoas que estão imbricadas com as relações de gênero, traçando, desta forma, as modalidades do fenômeno presentes no contexto amapaense, como por exemplo, a exploração sexual, a servidão doméstica, casamento servil e exploração para a prática de delitos.

Temos o artigo de Mariana Amalia de Carvalho Castro e Silva, “**Estar em campo: notas etnográficas para um artesanato pandêmico**”. Sensível a situação de pandemia, Mariana reaviva o processo de sua pesquisa – no mestrado, junto ao pessoal do Movimento Sem Teto do Centro (MSTC), na cidade de São Paulo, entre 2018 e 2019 – para apontar a dificuldade de se realizar trabalho de campo diante de novas configurações. A autora apresenta um relato da vivência em uma ocupação durante a pesquisa e informa como esta foi se modificando devido a alguns percalços que atravessaram o período de investigação, tendo, desta forma, que prosseguir adequando-se às situações vigentes naquele momento. Ela se apoia em Charles Wright Mills, e na ideia de “reflexão sociológica” para construir sua dissertação, que entre coisas, nos convida a conhecer mais sobre os movimentos de luta por moradia e as ocupações como espaços políticos, de luta e de buscas por transformações sociais.

Também contamos com uma entrevista realizada com Pedro, Paulo, João e Marcos, todos indígenas Warao que estão morando na capital piauiense desde 2019. Nessa

conversa intensa, relatam como se sentem com a tutela extrema do estado, ao passo que são deixados ao descaso pelas instituições públicas e sofrendo uma série de violações de direito.

Desejamos a todas e todos uma boa leitura.

Teresina (PI), 28 de julho de 2021